

QUEM CONTA
UM
CONTO
?

AUTORES PREMIADOS NO
II CONCURSO LITERÁRIO
BANCO SUDAMERIS BRASIL

QUEM CONTA
UM
CONTO
?

© Copyright

BANCO SUDAMERIS BRASIL

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Q49

Quem conta um conto. — São Paulo: Expressão,
1987

“II Concurso literário Banco Sudameris
Brasil”.

1. Contos brasileiros - Coletâneas

85-0594

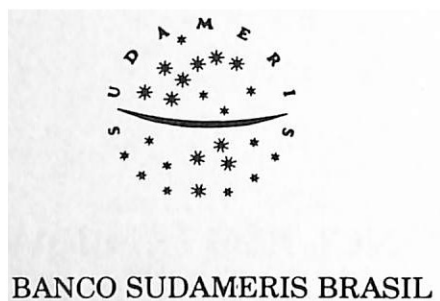
CDD-869.9308

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletâneas: Contos: Literatura brasileira
869.9308

**QUEM CONTA
UM
CONTO
?**

**II CONCURSO LITERÁRIO
BANCO SUDAMERIS BRASIL**



BANCO SUDAMERIS BRASIL

ÍNDICE

Prefácio	9
O Milagre	11
Anulação	17
O Novilho de Patas Brancas	23
O Retrato	31
Homem não Chora	37
Saúde, Senhor Cônsul	43
A Estratégia da Luz	49
E as Sombras Chegaram	55
Clair de Lune	61
O Segredo do Bem-te-vi	65
Sertão	71
Lauié, Meu Senhor	77
A Escada	83
O Palhaço Era o Meu Pai	89
O Homem de Neandertal	95
A Outra	101
Evoé, Tristeza	107
Olhos Azuis	111
O Sonho	117

PREFÁCIO

O êxito junto à crítica, aos leitores e entidades culturais decorrentes da edição do livro "Quem Conta um Conto?", de autoria de escritores premiados no I Concurso Literário do Banco Sudameris Brasil, em 1985, levou-nos à realização de um segundo concurso, do mesmo gênero.

Os mais de 1.800 trabalhos recebidos de todas as partes do Brasil que concorreram neste certame, mostram bem que a cultura em nosso país tem, latentes, talentos irrevelados.

A difícil seleção inicial dos 19 primeiros contos que mereceram o prêmio de edição, foi feita por acadêmicos titulares da Academia Botucatuense de Letras, Prof. Rev. Francisco Guedelha, Edson Geraldo A. Lopes, Elda Moscogliato, José Antonio Sartori, Eugenio Monteferrante Netto, Aécio Souza Salvador, Maria José Del Papa Zacharias e Maria Amelia Toledo Piza, a quem, nesta oportunidade, parabenizamos e agradecemos pelo hercúleo esforço intelectual dispendido ao longo de meses de estafante, mas gratificante trabalho. Louvamos aqui sua dedicação à Academia Botucatuense de Letras e, por extensão, à urbe que lhe empresta o nome, Botucatu.

Ao Dr. Antonio Gabriel Marão, douto presidente da Academia Botucatuense de Letras nossas homenagens pelo brilho de sua inteligência e pela capacidade de coordenação que resultou nesta seleção que ora damos a público.

Ao Prof. Luiz Antonio Ferreira, professor universitário, mestre em Letras e Didática pela Universidade de São Paulo, que gentilmente aceitou ao nosso convite para a classificação final, nosso preito de gratidão e admiração, com nossas homenagens à sua sensibilidade e senso crítico.

À imprensa, que tanto colaborou com a divulgação dos concursos e a todos que ao sucesso deles deram sua contribuição, nosso muito obrigado.

E, finalmente, aos participantes, premiados ou não, nossa admiração. Afinal, o concurso é deles, para eles foi criado e deles depende.

Aos leitores, privilegiados destinatários desta obra, esperamos proporcionar agradáveis momentos em companhia deste pupilo de bons autores, cujo talento, a partir de agora, dividem com todos nós.

Banco Sudameris Brasil

Leda Jesuíno dos Santos

Nascida a 18/09/1924, em Salvador-BA.

Bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia; Escola de Serviço Social da Bahia - curso de Serviço Social e cursos de Extensão Universitária. Foi professora de Filosofia e Latim. Atualmente é professora adjunta e diretora da Faculdade de Educação da UFBA. Membro do Conselho Curador do Instituto de Radiodifusão da Bahia, pela UFBA, do Conselho Universitário da referida Universidade, do Conselho Estadual (1983/1987), do Instituto Brasileiro de Filosofia - Seção da Bahia, da Associação Brasileira de Escritores. Vice-Presidente da Associação Bahiana para Superdotados.

Integrou o Grupo de Trabalho constituído pelo Governo do Estado para estudar os problemas de pesquisa social na Bahia. Participou de várias palestras e conferências sobre temas relacionados à mulher e outros temas.

Obras: "O Escotismo e a Educação", "Colégio Universitário-Análise de sua problemática", "O Feminismo e Problema da Educação da Mulher", "A Criança e a Guerra".

O SEGREDO DO BEM-TE-VI

Ele sempre a espiava. Aqui, se ela corria, lá, se ela andava. Ia depressa ver o patinho nascer, e ele sempre espiando... Andava desconfiada.

Se trepara no cajueiro, para tirar o cajuzinho doce do açúcar da sua meninice, ele logo gritava.

— Por que?

E a gordona da cozinheira é que explicava:

— Cuidado menina, esse bichinho vê coisa! Vê tudo, tudinho que menino faz. Vê até a cabecinha de vosmecê.

Lá dentro, ele espia. É abelhudo, esse danado.

Puxa, que coisa! Será que não era mesmo possível burlar aquele bichinho? Mas ela tentava. Ia depressa apanhar as margaridas bem no cume da ladeira de São Gonçalo.

Quem disse que ele dormia? Bem-te-vi! Sempre espiava e via. Então precisava fazer alguma coisa. — Eu? Deus me livre!!! — ela pensava, “*não se matam os animais*”. Naquele tempo se ouvia isso na escola todos os dias. Pelo menos naquela escola de portas largas e azulejos antigos na parede. As lições de leitura estavam

pontilhadas das recriminações. O ninho de um pássaro era sagrado e usar o bodoque era um crime sem classificação. Três dias de suspensão, palmada e, quem sabe, uma boa surra de cinturão. Daquelas de antigamente. Bumbum com sal e olho vermelho de chorar, moral lá em baixo. Mas, também, abelhudar não era direito. Estava fora do código de ética. E, nesse caso, aquele passarinho chato podia e devia receber um castiguinho. Curiosidade, não! Aquilo era mesmo abelhudez. Espiando a vida dos outros e, ainda mais, gritando para todo mundo saber. Vendo sempre e vendo bem lá no fundo. Tinha medo até de pensar. A casa era cercada de janelas no grande pomar e até dentro do quarto, deitada abaixo do lençol, ele gritava o seu canto: Bem-te-vi! Era demais! Assim também não; era agüentar o impossível. O permanente vigia, o espião de todas as horas. Isso, não. Haveria algo a fazer. Tinha de ser um castigo e melhor do que prendê-lo não poderia haver. Numa gaiola ele teria de ficar e aprender a lição: ser discreto é importante.

Diante de nós, no colégio, havia os três macaquinhos: *“ouve, vê e cala, viverás vida folgada”*. Não era o lema sempre repetido, interpretado, digerido e avaliado? Que bichinho mal educado! Não era nada demais corrigir o seu mau hábito. E, nas sendas do crime, sempre há co-responsabilidade.

Confirmando essa lei, apareceu o co-responsável: aquele demoniozinho do Zé, o filho da cozinheira. Era fácilmo convencê-lo a pegar o bicho. Afinal, não era um javali; era um bem-te-vi. Rimava, é verdade, mas só rimava. Na verdade, pegar passarinho é arte de menino, nada tem a mais do que a traquinada habitual. E assim foi feito o pacto convincente: a vontade dela e o desejo do Zé e se casaram perfeitamente bem. Como a luva de camurça e a pele macia de uma *lady*.

O crime perfeito planejado. Detalhes combinados por forças poderosas protegidas. Assim não era possível um plano falhar.

Depois de tantos conchavos! Depois de tantos acertos, cálculos e horas a fio de espreita?! Depois de um alcapão daquele, feito com garra de prender mesmo, com aquela raiva no coração e aquela habilidade do Zé. Impossível falhar! Era só esperar o dia, com o coração da menina pulando de muita raiva e muito medo. Ela se colocou todinha nas mãos do Zé, o diabinho; afinal ele era o herói, ia enfrentar qualquer testemunho daquele malfeito que aparecesse de repente naquele canto escondido do pomar. Quem iria lá? Era difícil, mas nunca se sabe; na senda do crime, até as paredes têm ouvidos.

No dia fatídico, o sol apontou forte e belo. A jabuticabeira estava pretinha de seus frutos, os patinhos estavam no tanque, e Puppy, o cachorrinho, estava sonolento. Ele veio cedinho chamá-la e foram ambos para o local do crime, silenciosos e pesados. Carregavam a culpa aliviada pelo antegozo de viver em liberdade plena, que ninguém pode suportar espião eterno atrás de si mesmo. A vítima veio se aproximando tão serena, que ela se arrepiou toda.

Fechou os olhinhos pequenos e fez o sinal da cruz. Zé parecia ter perdido o controle costumeiro. Estava, bem verdade, numa situação inusitada. O nervosismo da menina o contaminava.

Excitado, perdia a calma que se esvaziava de suas mãos, agora trêmulas e vacilantes. A presença dela assustada e de olhar estranho magnetizou-o. Armou o alcapão desajeitado, meio aflito. Que diabo estava acontecendo? Pensou. Uma coceira danada atacou os seus olhos brejeiros e ele entreviu um fracasso, mas reagiu. *“Vem cá que te pego, danado abelhudo”*.

Ela ouviu uma última vez: “Bem-te-vi”. Assustou-se. Rezou a Ave Maria e beliscou o Zé com força. Algo aconteceu errado. O crime premeditado não era de tão grande alcance. Ela sentiu no seu corpinho o frio insólito da tragédia. Não conhecia a morte. Naquele momento a sentiu como algo apavorante e sombrio. Saiu

desembalada a correr, como se o espaço em frente fosse ilimitado, infinito e desconhecido. Corrida desenfreada. Não sabia para onde estava indo. Para o colo da mamãe não iria naquela hora. Deu a curva rápida e alcançou a rua de barro sem calçamento. Pensou na avó e colocou todas as suas forças nas suas perninhas ágeis de menina.

Correu mais rápido e tropeçou. Caiu em cheio no barro marrom. Não viu o sangue escorrendo dos joelhos ralados. Sentiu a dor do pé machucado e as risadas fortes dos molequinhos amigos de Zé.

Levantou-se doida e tentou chegar até a casa da sua avó, mas não agüentou. Sentou-se na beira do passeio, viu o vestido rasgado, as meinhas sujas, as mãos cheias de barro, as pessoas andando, as nuvens caminhando no céu azul da manhã ensolarada. E, num soluço fundo, sentiu o gosto da lágrima sincera. Elas vieram em profusão; banharam o rosto inteiro e secaram por si só na sua face pálida. “Bem-te-vi”! Bem vivo, vivo como nunca, lá estava ele! Ela fechou os olhinhos, mas, como fechar os ouvidos? Pior ainda: como trancar o coração?

Que misteriosas chaves podem conseguir o milagre?

Foi neste instante célere e marcante, nesta fração de segundo extraordinariamente significativo da sua vida que ela percebeu meio atônita, e descontrolada, a sua trágica verdade: jamais houve a morte e nunca ela teria lugar no seu coração. A vítima aninhara-se no seu próprio eu e era, agora, parte do seu íntimo ser, corre no seu sangue, percorre o grande e pequeno circuito, invade-lhe a alma sofrida, sonda-lhe a mente, perscruta-lhe o espírito e vê, espia, sabe; sabe absolutamente tudo, mesmo o que ninguém pode saber. Sempre espiando...

Acostumou-se a menina ao seu bem-te-vi. Foi talvez o trunfo

das suas conquistas. Aprendeu com ele a ver-se, auscultar-se, sentir-se. Talvez por isso tivesse conquistado a capacidade de Amar com a liberdade que lhe permite encontrar-se com o seu bem-te-vi, sempre vendo, sempre espiando.

Ad aeternun...

EXTRATOS DO REGULAMENTO II CONCURSO LITERÁRIO SUDAMERIS

Artigo III - item d)

Acompanhou o original um envelope fechado, contendo em seu interior, bem legíveis: 1) nome completo do candidato; 2) prova de identidade; 3) título do conto; 4) pseudônimo; 5) endereço completo, inclusive CEP, que ficou depositado em cofre da agência do Banco Sudameris Brasil de Botucatu.

Disposições Finais

1 - O Banco Sudameris Brasil se reserva os direitos autorais dos trabalhos classificados, que serão publicados onde for julgado conveniente por ele.

2 - Não serão devolvidos os não classificados, podendo ser publicados, a critério do Banco Sudameris Brasil, onde por este for deliberado.

3 - A inscrição do candidato subentendeu a implícita aceitação das presentes instruções.

Edição de 3.000 exemplares
a cargo da
Editora Expressão Ltda.
Caixa Postal 62673 - CEP 01150
São Paulo, SP - Brasil
1986

Impresso na
Artpress — Papéis e Artes Gráficas Ltda.

